

AS POLÍTICAS DE FEMINICÍDIO PRESENTES EM TRÊS TIPOS DE ESCRITA

Autora: Julia Borchardt (Universidade Estadual de Maringá)
Orientadora: Adriana Barin de Azevedo (Universidade Estadual de Maringá)
Coorientadora: Daniele de Andrade Ferrazza (Universidade Estadual de Maringá)

Introdução

São inúmeras as notícias jornalísticas sobre feminicídios lidas diariamente, cujas manchetes, em sua maior parte, se iniciam com as frases “Mulher é morta” ou “Mulher é encontrada morta”. Essa alta frequência de notícias jornalísticas corrobora os 6.904 casos de feminicídio tentado ou consumado registrados em 2025 no Brasil, demonstrando uma epidemia dessa violência no país (LESFEM, 2026). Diante desse cenário que nos faz questionar o que sabemos sobre essas mulheres, propomos apresentar três tipos de escrita¹ sobre feminicídios: notícias jornalísticas, memoriais e narrativas. Compreendemos que a composição de uma escrita – voz, objeto, sujeito, texto, quem e como conta – contempla uma política de feminicídio, podendo ser de reforço ou de enfrentamento a essa violência.

Objetivo

Discorrer, de forma breve, sobre três tipos de escrita sobre feminicídios – notícias jornalísticas, memoriais e narrativas - com o objetivo de ampliar as práticas de enfrentamento a essa violência.

Materiais e métodos

A pesquisa adotou uma perspectiva qualitativa, caracterizando-se como um estudo bibliográfico e documental. Os documentos analisados foram notícias jornalísticas, memoriais e narrativas. As notícias jornalísticas foram analisadas com base no livro “Histórias de morte matada contadas feito morte morrida”, de Niara de Oliveira e Vanessa Rodrigues (2021). As notícias foram selecionadas via buscas na plataforma *Google* pelas frases “Mulher é morta” ou “Mulher é encontrada morta”. Foram escolhidas duas notícias do dia da pesquisa (22 de maio de 2026) que contemplavam a maior parte das

¹ O seguinte trabalho é fruto da dissertação da autora, intitulado “Escritos textuais e outras intervenções: construindo novas políticas de enfrentamento ao feminicídio”.

características analisadas. Já os memoriais e as narrativas foram analisados com base nas discussões da psicóloga Vinciane Despret (2023). Além disso, as notícias jornalísticas analisadas não se referem à mesma história contada pelo memorial, pois são de feminicídios de 2026 e o memorial aborda um caso de 2025.

Resultados

As notícias jornalísticas, o tipo de escrita mais divulgado e acessado sobre um feminicídio, nos afetam de diversos modos. É doloroso e difícil ler sobre essa violência ou acessar diversas notícias sobre feminicídios. O sofrimento produzido pela leitura deste tipo de notícia fornece uma pista: o que é contado nas notícias jornalísticas, na maior parte das vezes, é a morte dessas mulheres.

Selecionamos duas manchetes de notícias jornalísticas² para refletirmos, a primeira: “Mulher é morta após levar tiro na cabeça durante briga por água no litoral de SP” (G1 Santos, 2026) e a segunda: “Plantão de Polícia - Vídeo: Mulher é encontrada morta em residência após briga com marido em Porto Velho” (Bispo, 2026). Após ler essas notícias jornalísticas, compreende-se que o que sabemos sobre essas mulheres mortas é o modo como elas foram mortas e o objeto utilizado no crime.

Em conjunto com as discussões apresentadas pelas jornalistas Oliveira e Rodrigues (2021), elencamos algumas características em relação a esse tipo de escrita. As notícias jornalísticas reduzem a vida de uma mulher a sua morte, o que é contado é o modo como ela morreu e a arma utilizada. Apresentam-se justificativas para validar o crime, como ciúmes, traição, discussões, questões familiares, questões cotidianas - como água - entre inúmeras outras explicações. Não temos informações sobre quem cometeu o crime, e essa ausência é totalmente desnecessária para que se entenda que o ocorrido é que alguém morreu. Ao dizer “Mulher é morta” ou “Mulher é encontrada morta” a mulher ocupa uma posição passiva e de vítima. Além disso, percebe-se

²Nossa intenção não é reduzir ou generalizar as notícias jornalísticas, visto que existem manchetes que reconhecem o feminicídio e rompem com a lógica hegemônica. No entanto, ao longo dos nossos estudos, compreendemos que a maior parte das notícias ainda sustenta a perspectiva que será discutida neste trabalho.

também que ela é o sujeito da frase. Como destacam as jornalistas, explora-se o uso da voz passiva, na qual não é preciso informar quem matou uma mulher para compreender um crime ocorreu. São quase inexistentes as informações sobre a vida e história daquela mulher e a complexidade daquela vida é resumida ao fato da sua morte. Esse esvaziamento de informações sobre a vida daquela mulher também produz uma generalização, é mais uma morte, mais uma mulher, mais um dado, é somente mais uma no meio de inúmeras outras mortes. Além disso, normalmente não há o reconhecimento e nomeação do que ocorreu: feminicídio. Foi uma violência, cometida por alguém e que poderia ter sido evitada. Todas essas características das notícias jornalísticas nos informam sobre um tipo de escrita que sustenta uma política de reforço do feminicídio.

Como um modo de produzir um tipo de escrita diferente das notícias jornalísticas e pensar em uma maneira de manter a memória dessas mulheres, o Néias - Observatório de Feminicídio de Londrina construiu um memorial para as vítimas de feminicídio de Londrina. A partir deste memorial, o Laboratório de Estudos de feminicídio (LESFEM) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) construiu um memorial para as vítimas de feminicídio do Paraná e a Coordenadoria das Mulheres construiu o Memorial das Vítimas de Feminicídio em Diadema – Fernanda Gomes. Esses três memoriais brasileiros são publicados de maneira *online* e possuem como objetivo em comum contar, mesmo que de modo sucinto, um pouco da história dessas mulheres. Apresentamos um trecho do memorial do LESFEM a seguir.

Amanda Monique Gazola era farmacêutica, moradora de Terra Roxa, e tinha 31 anos quando foi morta a facadas pelo ex-companheiro em Guaíra. Era mãe, trabalhava na área de farmácia e mantinha vínculos familiares próximos. Na noite de 5 de janeiro de 2025, Amanda foi até a casa da mãe para buscar o filho, que havia passado o dia com o pai, seu ex-companheiro. De acordo com as investigações, o ex-companheiro chegou ao local alterado, ameaçou Amanda e a atacou com uma faca, atingindo sobretudo a região do pescoço... O caso é registrado como feminicídio cometido por ex-parceiro íntimo, em contexto de disputa e controle sobre a vida de Amanda, atingindo diretamente também o filho comum e toda a família que presenciou a violência. (Trecho do memorial para Amanda, LESFEM, 2025).

O memorial ainda contém informações sobre a morte dessa mulher, relatando como aconteceu o crime e o objeto utilizado. Porém, compreendemos que os três memoriais possuem como função serem dispositivos que permitem a construção e abertura de um novo campo para pensar em um outro tipo de escrita sobre um feminicídio. Ao escrever sobre a história de uma mulher, os vivos a mantêm presente em suas vidas e fazem com que ela possa acessar outras pessoas, que podem seguir contando essa história e podem se sentir mobilizados a relatar outras histórias. Além disso, os memoriais possuem uma função ética e política, pois nomeiam o feminicídio e criam um campo favorável para que a memória dessa mulher não seja esquecida. Desse modo, compreendemos, com base nas discussões propostas por Vinciane Despret (2023) que os memoriais são um tipo de escrita que contempla uma política de enfrentamento ao feminicídio.

O terceiro tipo de escrita, a narrativa, possui ressonâncias com os memoriais. A narrativa é entendida enquanto um relato escrito sobre as relações que os vivos mantêm com seus mortos, tendo como base as discussões da psicóloga belga Vinciane Despret, a qual se propõe a investigar as relações entre os vivos e seus mortos (Azevedo, 2026; Despret, 2023).

Destacamos cinco características das narrativas: 1) a relação mantida entre os vivos e os mortos por meio da produção de um texto escrito; 2) a necessidade de um dispositivo, aqui no caso o texto, para que essa relação possa existir; 3) a oferta de suplemento biográfico às mulheres vítimas de feminicídio; 4) o reconhecimento do crime; e 5) o papel de sujeito, de existente ocupado pela mulher, ela segue presente de algum modo. Ao escrever com uma mulher sobre sua história, nós, vivos, estamos oferecendo continuidade de existência a ela. Assim, as narrativas também são um tipo de escrita que constrói uma política de enfrentamento ao feminicídio.

Considerações finais

É necessária a ampliação do campo de práticas de combate ao feminicídio e apostamos na construção de novos tipos de escrita que possuam funções éticas e políticas de nomeação e reconhecimento do feminicídio, além do cuidado em relação à memória da mulher vítima. Além disso,

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

compreendemos que os memoriais e as narrativas conseguem cuidar também dos vivos que vivenciam o sofrimento decorrente da perda de uma ente querida. As narrativas avançam, pois entendemos que elas se propõem a escrever com a mulher e não sobre ela, engendrando um campo coletivo de cuidado e fortalecimento.

Referências

AZEVEDO, A. B. As narrativas que aproximam os vivos de seus mortos: contribuições de Vinciane Despret. In: FERRAZ, A. S.; CARRER, C. F.; FORNAZARI, S. (org.). **Variações em Filosofia da Diferença**. Curitiba: Verticais Edições, 2026.

BISPO, E. **Plantão de polícia (Vídeo): Mulher é encontrada morta em residência após briga com marido em Porto Velho**. Correio da Mata, 2026.

Disponível em:

<https://www.correiodamata.com.br/noticia/plantao-de-policia-video-mulher-e-encontrada-morta-em-residencia-apos-briga-com-marido-em-porto-velho>. Acesso em: 22 maio 2026.

DESPRET, V. **Um brinde aos mortos**: Histórias daqueles que ficam. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

G1 SANTOS. **Mulher é morta após levar tiro na cabeça durante briga por água**. G1, 27 abr. 2026. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2026/04/27/mulher-e-morta-apos-levar-tiro-na-cabeca-durante-briga-por-agua-no-litoral-de-sp.ghtml>. Acesso em: 22 maio 2026.

Laboratório de Estudos de Femicídios (LESFEM). **Femicídios consumados e tentados no Brasil – 2025**. 2025. Londrina: UEL, 19 fev. 2026.

Disponível em:

<https://sites.uel.br/lesfem/femicidios-consumados-e-tentados-no-brasil-2025/>. Acesso em: 22 maio 2026.

Laboratório de Estudos de Femicídios (LESFEM). **Memorial de vítimas de feminicídio no Paraná – 2025**. 2026. Londrina: UEL, 18 fev. 2026. Disponível em:

<https://sites.uel.br/lesfem/memorial-de-vitimas-de-femicidio-no-parana/memorial-de-vitimas-de-femicidio-no-parana-2025/>. Acesso em: 22 maio 2026.

OLIVEIRA, N. de; RODRIGUES, V. **Histórias de morte matada contadas feito morte morrida**: a narrativa de feminicídios na imprensa brasileira. São Paulo: Drops Editora, 2021.